

# GÊNESIS 1:1-3 E SUAS PRINCIPAIS TEORIAS EVANGÉLICAS DE INTERPRETAÇÃO<sup>1</sup>

## GENESIS 1:1-3 AND ITS MAIN EVANGELICAL THEORIES OF INTERPRETATION

Elias Antonio Batista Santo<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo analisar reflexivamente os dois versículos iniciais do primeiro livro do Antigo Testamento judaico/cristão, o Gênesis, levando em consideração seu contexto e perscrutando as teorias evangélicas desenvolvidas em torno dos mesmos, a fim de que se possa apreender qual dessas é mais coerente. Para tal, foi utilizada uma abordagem qualitativa, através de análise documental da perícopes anteriormente mencionada, bem como revisão de literatura com obras que versam sobre a temática. Desse modo, inicialmente, fez-se levantamento de questões gerais sobre o livro de Gênesis, a fim de se ter uma base para os passos seguintes; após isto, buscou-se as principais teorias acerca de Gênesis 1:1-3; seguiu-se então com análise da perícopes escolhida, isto é, Gênesis 1:1-2, confrontando as teorias anteriormente levantadas com as descobertas feitas. Observou-se que o versículo 1 se refere a uma primeira ação divina, sendo o versículo 2 a descrição do estado desta. Neste sentido, viu-se que a expressão “sem forma e vazia”, na verdade, quer transmitir a ideia de algo inapropriado para a vida humana e, conseqüentemente, sem esta. Conclui-se que a teoria que mais coerentemente se porta com o texto bíblico, numa perspectiva evangélica, é a do “caos inicial”, ainda que a ideia de “caos” não seja tão familiar à perícopes.

**Palavras-chave:** Gênesis 1. Sem forma e vazia. Teoria da lacuna.

**Abstract:** The present text aims to reflexively analyze the two opening verses of the first book of the Jewish/Christian Old Testament, Genesis, taking into account its context and scrutinizing the evangelical theories developed around them, in order to understand which of these it is more coherent. To this end, a qualitative approach was used, through documental analysis of the pericope mentioned above, as well as a literature review with works that deal with the theme. Thus, initially, general questions were raised about the book of Genesis, in order to have a basis for the following steps; after that, the main theories about Genesis 1:1-3 were sought; it then followed with an analysis of the chosen pericope, that is, Genesis 1:1-2, confronting the theories previously raised with the discoveries made. It was observed that verse 1 refers to a first divine action, verse 2 being the description of its state. In this sense, it was seen that the expression “without form and void”, in fact, wants to convey the idea of something inappropriate for human life and, consequently, without it. It is concluded that the theory that most coherently behaves with the biblical text, from an evangelical perspective, is that of “initial chaos”, although the idea of “chaos” is not so familiar to the pericope.

---

<sup>1</sup> O presente texto é uma adaptação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) entregue como requisito para conclusão do Curso livre em Teologia, pelo I.T.Q. (Instituto Teológico Quadrangular) – Vitória da Conquista (BA), sob orientação da professora Maria Ione Trindade. Título original: “Estudos em Gênesis 1:1-2”.

<sup>2</sup> Graduando em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Campus Vitória da Conquista. Formado em Teologia pelo I.T.Q. (Instituto Teológico Quadrangular) – Vitória da Conquista (BA). Contato: eliasantonio980@gmail.com.

**Keywords:** Genesis 1. Shapeless and empty. Gap theory.

## 1. Introdução

A religião, dentre suas concepções, pode ser entendida como um sistema de fé baseado em determinada crença ou ainda como certa sistematização de doutrinas (LOURENÇO, 2012). É nesse sentido que o cristianismo pode ser considerado uma religião.

Atualmente, vive-se em um tempo marcado, sobretudo, pelo pós-modernismo, o qual é caracterizado por, de um lado, certa anti-modernidade ao passo que de outro lado, a sobre-modernidade (LOURENÇO, 2012). Berman (1986), por sua vez, chamando de modernidade, elucida que ser moderno é estar sempre numa unidade paradoxal, contraditória: existe um turbilhão de possibilidades, de construção e ao mesmo tempo de destruição. E aí está a questão, haja vista que são tantas opções, caminhos, oportunidades, que o indivíduo pode simplesmente se “perder”.

Nesse bojo, entra-se na questão da interpretação bíblica feita pelos evangélicos. Ainda que se considere – ou não – a Bíblia Sagrada, e mais especificamente o Antigo Testamento (*Tanakh*, na transliteração do hebraico), como inspirados, há de se lembrar que quando se escreve algo, se escreve com certa intencionalidade e em determinado contexto histórico/político/cultural etc. Se isso é verdade em um contexto geral, tanto o mais se referindo à interpretação bíblica.

Por isso, um dos grandes desafios dessa interpretação é a cultura (NASCIMENTO, 2006). Apreende-se que o desafio engloba tanto perscrutar a cultura na qual o texto foi escrito, buscando seu significado, quanto transpor o abismo histórico para se chegar a uma aplicação para os dias de hoje. Dias de hoje estes marcados por “falsos mestres” (cf. Mt 24:11; 2Pe 2:1ss<sup>3</sup>) e interpretações distorcidas e/ou equivocadas (cf. 2Pe 3:16), as quais, em grande parte das vezes não são questionadas.

Assim sendo, esse trabalho originalmente teve origem em estudos pessoais, quando se pesquisava sobre os capítulos iniciais de Gênesis e obteve-se resultados diferentes de certas interpretações vigentes, no que diz respeito à Gênesis 1:1-3. Por isso, a justificativa para

---

<sup>3</sup> A sigla “ss” após algum versículo significa “em diante”.

aprofundá-lo é a tentativa de perscrutar o que o autor da perícopes<sup>4</sup> quis afirmar nestes versos (a perícopes delimitada foi Gênesis 1:1-2<sup>5</sup>).

Desse modo, o objetivo do presente trabalho é analisar os versículos 1 e 2 de Gênesis 1. Para isso, usou-se aqui uma metodologia de caráter qualitativo, através de análise documental da perícopes anteriormente mencionada, bem como através de revisão de literatura com obras que versam sobre a temática, tais como: Meister (2000), Deffinbaugh (2006), João Calvino (2015), Merrill (2009) entre outros, e também Bíblias de estudo: Bíblia de Estudo Palavras-chave Hebraico e Grego (2015)<sup>6</sup>, Bíblia de Jerusalém (2019)<sup>7</sup> e Bíblia – Tradução Ecumênica (2015)<sup>8</sup>.

Inicialmente, elencou-se questões gerais sobre o livro de Gênesis, a fim de se ter uma base para os tópicos seguintes; discorreu-se sobre as principais teorias acerca de Gênesis 1:1-3; seguiu-se então com análise da perícopes escolhida, e isso confrontando com as teorias anteriormente levantadas.

## 2. Considerações sobre o livro de Gênesis

As observações aqui realizadas são melhor exploradas em Santos (2021).

O nome “Gênesis” vem da palavra grega “*genesis*”, que significa “princípio”. Esse termo era seu título na Septuaginta (LXX). No hebraico, entretanto, a transliteração fica “*berē`šîth*”, significando “no princípio” (que é o primeiro vocábulo do livro).

Segundo Merril (2009, p. 51-52): “Embora o livro de Gênesis não contenha nenhum registro expresso quanto a quem o escreveu, não há razões lógicas para negar que seja Moisés o autor, não somente do livro de Gênesis, mas de todo o Pentateuco” (MERRILL, 2009, p. 51-52). De uma forma ou de outra, parte-se do pressuposto que o Pentateuco – e conseqüentemente o Gênesis – alcançou “[...] sua forma final nas mãos de Moisés nas planícies de Moabe, logo ao norte do mar Morto (Dt 1.1,2)” (MERRILL, 2009, p. 51)<sup>9</sup>.

---

<sup>4</sup> Perícopes é a porção de qualquer texto bíblico escolhida para se fazer uma análise. Ela é “[...] a unidade menor dentro de um capítulo. Pode abranger um ou mais parágrafos”, ou ainda “[...] apenas parte de um parágrafo, ou mesmo um só versículo” (NASCIMENTO, 2004, online).

<sup>5</sup> A escolha da perícopes se deu pelo fato de que o entendimento dos versículos 3ss depende da interpretação dada aos versículos anteriores, no que diz respeito a considerá-los como transformação de matéria preexistente, recriação ou criação.

<sup>6</sup> Nas citações seguintes, ao referir-se a ela, será utilizada a sigla BEPCHG.

<sup>7</sup> Nas citações seguintes, ao referir-se a ela, será utilizada a sigla BJ.

<sup>8</sup> Nas citações seguintes, ao referir-se a ela, será utilizada a sigla TEB.

<sup>9</sup> Os seguintes textos bíblicos são bastante ilustrativos dessa opinião: Êx 24:4; Dt 31:9; Js 1:7,8; Ed 6:18; Ml 4:4; Mc 7:10; Lc 24:44; Jo 5:45-47; At 3:22,23; 2Co 3:15.

O livro de Gênesis pode ser dividido em duas grandes partes (BJ, 2019): 1ª – Gn 1-11, podendo ser denominada “história primitiva”, e a 2ª de Gn 12-50, podendo ser denominada de “história patriarcal”, esta, por sua vez, subdividindo-se em “três ciclos de relatos” (TEB, 2015, p. 23): a) Gn 12-25, sobre Abraão; b) Gn 26-36, sobre Isaque e Jacó e, c) Gn 37-50, sobre José.

Uma outra forma de divisão, a que o próprio livro de Gênesis apresenta em seu texto, é a do “*tōl’dōth*”, termo que significa descendência, família, história (BEPCHG, 2015, p. 1999 STRONG H8435) e revela o início de 10 seções no livro (2:4-4:26; 5:1-6:8; 6:9-9:29; 10:1-11:9; 11:10-11:26; 11:27-25:11; 25:12-25:18. 25:19-35:29; 36:1-37:1; 37:2-50:26). Se assim for, Gn 1:1-2:3 pode ser visto como uma “introdução maior”.

No que diz respeito ao propósito do Pentateuco, Merrill argumenta que era o de “[...] tratar questões levantadas pela própria nação de Israel referentes a sua situação presente (na época), o que tinha à frente e, mais importante, suas raízes históricas” (MERRILL, 2009, p. 52). Conforme registrado no livro do Êxodo, Israel tinha um propósito divino:

Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim; agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu concerto, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha. E vós me sereis reino sacerdotal e povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel (Êx 19:4-6, ARC<sup>10</sup>).

Assim sendo, com a finalidade de que os israelitas tivessem “[...] uma compreensão mais plena de seu papel como um reino de sacerdotes e de nação santa, Moisés teve de transportá-los de volta ao princípio – ao princípio absoluto – da própria criação” (MERRILL, 2009, p. 52), e isso porque “O Pentateuco forneceu o conteúdo para a fé de Israel, da qual o relato da criação é o fundamento” (DEFFINBAUGH, 2006, online).

Além disso, em Gênesis há as bases não somente do Pentateuco, mas de toda Bíblia e mesmo das doutrinas cristãs (ENGELSMAN, 2013), visto que nele está descrito a origem do universo, da humanidade, do pecado, e do início do plano salvífico.

### 3. Principais teorias sobre Gênesis 1:1-3

---

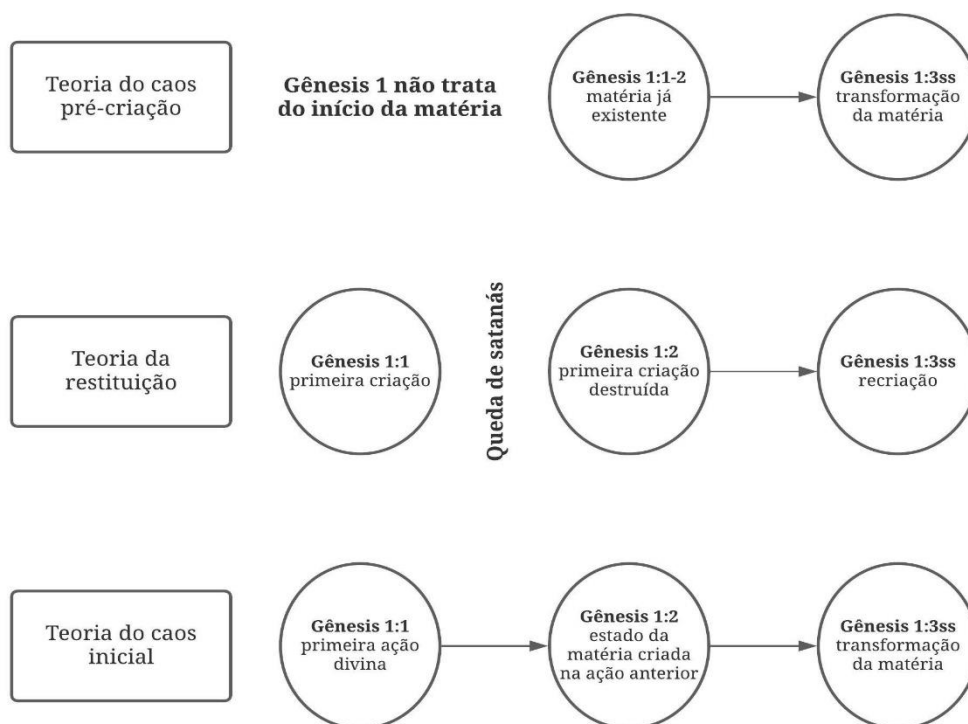
<sup>10</sup> Almeida Revista e Corrigida.

No meio evangélico, existem três principais teorias sobre Gênesis 1:1-3 (MEISTER, 2000; DEFFINBAUGH, 2006). São elas:

- Teoria do caos pré-criação;
- Teoria da restituição; e
- Teoria do caos inicial.

A primeira diz que Gênesis 1 trataria de como o Deus de Israel transformou uma matéria “caótica” já existente, por conseguinte, o texto Bíblico não falaria de um início absoluto. A segunda, também chamada de teoria do intervalo, hiato, lacuna, “*gap*” (em inglês), trataria Gênesis 1:1 como uma primeira criação, a qual de alguma forma fora destruída (com a ideia bíblica da queda de satanás), resultando no estado “caótico” encontrado no versículo 2 (SCOFIELD, 1993, nota em Gn 1.2 *apud* MEISTER, 2000, p. 4; DEFFINBAUGH, 2006); por assim ser, os versículos 3ss tratariam da recriação da mesma. A terceira, no entanto, afirma que o estado “caótico” da matéria no versículo 2 trataria do estado inicial da mesma quando da primeira ação divina no versículo 1, e por sua vez, os versículos 3ss falariam de como o Deus de Israel transformou esse “[...] caos no cosmos” (DEFFINBAUGH, 2006, online).

Resumir-se-á as mesmas na figura a seguir (Figura 1).



**Figura 1** – Síntese das principais teorias evangélicas interpretativas de Gênesis 1:1-3

Adaptação e reelaboração do autor a partir de Deffinbaugh (2006).

#### 4. Análise de Gênesis 1:1-2

##### 4.1 Análise do versículo 1

“No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1:1, ARC). É com esta afirmação que se inicia o livro de Gênesis. O verbo usado para “criou” no hebraico é “*bārā*”, que significa “[...] criar; [...] cortar, [...] selecionar, alimentar [...]” (BEPCHG, 2015, p. 1565, STRONG H1254), literalmente, criar (CALVINO, 2015)<sup>11</sup>. Embora não seja “[...] inerentemente indicativo de *creatio ex nihilo*, carrega esse sentido em todas as suas ocorrências no relato de Gênesis” (MERRILL, 2009, p. 53, itálicos originais). Sobre o assunto, na epístola aos Hebreus lê-se da seguinte forma: “[...] o visível não se tem feito das coisas que aparecem” (Hb 11:3, TB<sup>12</sup>). Se trataria então de uma descrição do princípio absoluto do universo.

Partindo da ideia de que a narrativa começaria no versículo 2, a Bíblia de Jerusalém afirma que o versículo 1 seria um “[...] título (uma ‘subscrição’) [...]” (BJ, 2019, p. 33, nota b). Já a Bíblia – Tradução Ecumênica, semelhantemente, diz que o versículo 1 se: “[...] explica melhor como uma proposição independente. Trata-se de um título ou de um resumo do texto que se segue” (TEB, 2015, p. 27, nota b). De fato, o versículo 1 é uma cláusula independente, entretanto, não no sentido exposto pelas referências supracitadas, mas no sentido de apresentar o princípio de tudo, uma primeira ação divina, coadunando então com “[...] a idéia de um princípio absoluto – e isso está em harmonia com o restante das Escrituras” (MEISTER, 2000, p. 7).

Nesse sentido, tem-se um embate com a teoria do caos pré-criação. Esta propõe que: “O relato da criação, resumido no versículo um, começa no versículo dois. Essa “criação” não é ‘ex nihilo’ (do nada), mas devido às coisas existentes no versículo dois. De onde vêm essas coisas, não é explicado nesses versículos” (DEFFINBAUGH, 2006, online). Salienta-se aqui que dizer que a criação é “*ex nihilo*”, juntamente com o argumento do verso 1 de Gênesis 1 ser uma primeira ação divina, é descreditar a teoria supracitada.

No que diz respeito à expressão “céus e a terra”, Meister argumenta que é um “merisma”, isto é, “[...] as partes representando o todo”, que:

---

<sup>11</sup> Interessantemente, na Bíblia, somente o Deus de Israel é o sujeito desse verbo (MEISTER, 2000; TEB, 2015; BJ, 2019).

<sup>12</sup> Tradução Brasileira.

[...] representam aqui tudo o que o autor e seus leitores concebiam como a criação de *Elohim*, tudo o que eles podiam ver e perceber nos céus e na terra, ou seja, o lugar onde pisam e tudo o que vêm no céu, incluindo o sol, lua, estrelas e nuvens, em contraste com a religião e cosmogonia egípcia (ou outras cosmogonias do antigo Oriente Próximo) que via esses mesmos elementos como deuses (MEISTER, 2000, p. 9, itálicos originais).

Tendo isso em vista, pode-se concluir que essa expressão seria uma forma de dizer o que hodiernamente significaria “universo” (CRISP, 2015; BJ, 2019). A Bíblia é eivada de versículos que reiteram a afirmação de uma criação divina: o Deus de Israel teria trago à existência todas as coisas (Gn 14:19; 2Rs 19:15; 2Cr 2:12; Ne 9:6; Jó 38:4; Sl 8:3; 102:25; 124:8; 134:3; 136:4-9; Pv 3:19; Is 37:16; 42:5; 45:12, 18; 48:13; 51:13; 66:1, 2; Jr 10:12; 27:5; 32:17; 33:2 [NTLH<sup>13</sup>]; 51:15, 19; Jn 1:9; Zc 12:1; At 4:24; 7:49, 50; Rm 1:25; Ef 3:9; Hb 1:10; 2Pe 3:5; Ap 4:11; 14:7). O universo possuiria um “princípio”.

Curiosamente, o substantivo hebraico para “Deus” em Gênesis 1:1 é “*’elohim*”, que significa “[...] Deus, deuses, juízes, anjos” (BEPCHG, 2015, p. 1523, STRONG H430), e que é plural. A partir disso, como afirma Crisp: “[...] Cristãos sempre têm visto nela uma implicação ou indicação da doutrina da trindade” (CRISP, 2015, online), entretanto, parece mais provável que o tal termo seja:

[...] um uso comum no hebraico, mediante o qual o plural serve para intensificar ou expandir a idéia expressa no singular. Dessa maneira, tal plural estaria chamando atenção para a inexaurível plenitude da deidade, para a plenitude da vida que existe em Deus (DOUGLAS, 2006. p. 332).

A expressão seria uma forma de intensificação do divino. Contudo, a Trindade é uma das doutrinas basilares do cristianismo, e a Bíblia apresenta que Pai, Filho e Espírito Santo estavam presentes na obra criativa (Gn 1:2; Jo 1:1-3, 10; At 3:15; 1Co 8:6; Cl 1:15-17; Hb 1:1-3, 10-12 [cf. Sl 102:25-27]; Ap 1:8, 17; 3:14).

## 4.2 Análise do versículo 2

“E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gn 1:2, ARC). Os termos “sem forma e vazia” no hebraico são, respectivamente: “*tōhū*”, que significa “[...] *assolar*; [...] *desolação* [...] *deserto*; [...] *sem valor*; [...] *vão* [...]” (BEPCHG, 2015, p. 1997, STRONG H8414, itálicos originais), e

---

<sup>13</sup> Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

“*bōhû*”, que significa “[...] *estar vazio* [...] *vacuidade*, [...] *assolação* [...]” (BEPCHG, 2015, p. 1548, STRONG H922, itálicos originais).

O termo “*tōhû*”, incluindo Gênesis 1:2, aparece na Bíblia hebraica (Antigo Testamento) 20 vezes. Destas, 17 o termo aparece sozinho e 3 acompanhado de “*bōhû*” (NUNES JÚNIOR, 2017, p. 17-20). Suas utilizações se enquadram nos quatro grupos apresentados a seguir:

1. Local inapropriado para habitação, ermo, deserto: Dt 32:10; Jó 6:18; 12:24; Sl 107:40; Is 34:11; Jr 4:23;
2. Algo destituído de valor, inútil, ou em vão: 1Sm 12:21 (2 vezes); Is 40:17, 23; 41:29; 44:9; 45:19; 49:4; Is 59:4;
3. Algo vazio, “nada”: Jó 26:7; Is 24:10; 45:18;
4. Algo sem motivo: Is 29:21.

O termo “*bōhû*”, por sua vez, aparece somente 3 vezes na Bíblia hebraica (incluindo Gn 1:2), sempre acompanhado de “*tōhû*” (VANGEMEREN, 2011, v. 1, p. 588-591, GOODRICK/KOHLLENBERGER H983):

- “Mas o pelicano e a coruja a possuirão, e o bufo e o corvo habitarão nela, e ele estenderá sobre ela cordel de confusão [*tōhû*] e nível de vaidade [*bōhû*]” (Is 34:11, ARC, colchetes meus);
- “Observei a terra, e eis que estava assolada [*tōhû*] e vazia [*bōhû*]; e os céus, e não tinham a sua luz” (Jr 4:23, ARC, colchetes meus).

Nos dois versículos citados, o objetivo dos autores em profetizarem contra Edom (Is 34:5ss) e Judá (Jr 4:5ss), respectivamente, era revelar que estes mesmos lugares julgados se tornariam semelhantes ao estado da terra em Gn 1:2: “sem forma e vazia” (TEB, 2015, p. 663-664, nota d, p. 726, nota a; NUNES JÚNIOR, 2017, p. 20)<sup>14</sup>. Porém, o que esta expressão significa? Sobre ela, João Calvino escreveu:

Os hebreus os utilizavam para designar aquilo que era vazio e confuso, ou vão, ou destituído de qualquer valor. Indubitavelmente, Moisés colocou ambos em oposição a todos aqueles objetos criados que pertencem à forma, ao ornamento e à perfeição do mundo. Tendo nós excluído da terra tudo aquilo que Deus acrescentou posteriormente ao tempo aqui aludido, então teremos um caos bruto e ainda não trabalhado, ou, antes, um caos amorfo (CALVINO, 2015, online).

Meister, por sua vez, a resume da seguinte forma:

---

<sup>14</sup> Os versículos bíblicos de Isaías 34:11 e Jeremias 4:23 na NTLH são bastante elucidativos dessa questão.



Na leitura tradicional atribui-se a idéia de caos à expressão *tohu e bohu*. Percebe-se, no entanto, que esse significado é estranho à cosmovisão do autor e leitores originais, sendo preferível a leitura da expressão com seu significado mais comum na literatura bíblica, ou seja, um local inadequado para a vida humana (MEISTER, 2000, p. 12, itálicos originais).

A expressão usada em Gênesis 1:2 transmite a ideia de um local inapropriado para a vida humana e, conseqüentemente, sem esta última: “A terra era um vazio, sem nenhum ser vivente, [...]” (Gn 1:2, NTLH).

Prosseguindo nesse versículo, lê-se ainda que a terra “era/estava” desordenada e vazia. O termo no hebraico para este verbo é “*hāyāh*”, que significa existir, ser ou vir a ser, acontecer (BEPCHG, 2015, p. 1604-05, STRONG H1961). A teoria do “*gap*” traz como possibilidade de tradução deste termo “tornou-se”, o que apoiaria assim a mesma. Entretanto, pelo menos no Brasil, as traduções bíblicas (tanto católicas como protestantes, e até mesmo a tradução das Testemunhas de Jeová) com unanimidade, traduzem o termo como “era” ou “estava”:

- “era”: ARC, ACF (Almeida Corrigida e Fiel), KJA (King James Atualizada), NAA (Nova Almeida Atualizada), NBV-P (Nova Bíblia Viva Português), NTLH, NVI (Nova Versão Internacional), NVT (Nova Versão Transformadora), TB (Tradução Brasileira), TEB e TNM (Tradução Novo Mundo);
- “estava”: ARA (Almeida Revista e Atualizada), AVE MARIA, BJ e CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Se assim for, a teoria do intervalo enfraquece-se em sua argumentação, visto que “era/estava” denota o estado de algo em algum momento (FERREIRA, 2000), enquanto que “tornou-se” denota mudança, transformação (FERREIRA, 2000).

Levando em consideração que o texto não deve ser lido fora de seu contexto – tanto o próximo quanto o remoto (NASCIMENTO, 2004) –, subte-se que o que se diz sobre a terra em Gênesis 1:2 era, na verdade, o estado inicial desta “[...] quando Deus ainda não havia começado a organizá-la [...]” (MEISTER, 2000, p. 12), e os versículos 3 em diante seriam a transformação dessa massa “informe” em um local apropriado. Ressalva-se que creditar tal posição não nega o fato da queda de satanás (cf. Lc 10:18; Ap 12:7-9), mas somente a tira (assim como qualquer outra suposta visão de um juízo ter causado o que fora falado) como resultado do estado da terra no texto citado.

Assim sendo, se não se tem uma suposta recriação da terra a qual fora tornada caótica, até porque a ideia de “caos” não é familiar ao texto, mas sim uma massa a ser moldada, segue-se que não há nenhuma lacuna entre os versículos 1 e 2.

Outro motivo para descreditar a teoria da lacuna é o que está escrito na Segunda Epístola de Pedro, especificamente no capítulo 3. Ao falar dos “escarnecedores dos últimos dias” (v. 3), o apóstolo expõe o argumento deles: “[...] Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação” (v. 4, ARC). A zombaria estaria baseada então: 1) numa aparente demora do retorno triunfante de Jesus Cristo e 2) de como as coisas são as mesmas desde o princípio. A resposta que Pedro oferece, mais especificamente à segunda parte, é que aqui interessa: os escarnecedores, voluntariamente, ignoram que o mundo foi coberto pelas águas do dilúvio (vs. 5-6). Ou seja, para dizer que o mundo sofreu algum tipo de transformação, o apóstolo recorre somente a narrativa do dilúvio de Noé (registrada em Gn 6-8).

Ora, se a perícope analisada se refere a uma primeira criação e a destruição desta, conforme diz a teoria da lacuna, por que o apóstolo passa longe de citá-la nessa passagem? Certamente porque Gênesis 1:1-3 não transmite a ideia de uma criação-destruição-recriação, mas antes, uma criação-transformação.

Voltando ao texto de Gênesis 1, na continuação do versículo 2, é dito que “[...] havia trevas sobre a face do abismo; [...]” (Gn 1:2, ARC). Esta expressão significa “[...] a escuridão cobria as águas profundas, [...]” (Gn 1:2, NVT). Relata-se que além da terra estar inapropriada para a vida humana, a escuridão cobria as águas, e as águas cobriam tudo (cf. Gn 1:9; Sl 24:1-2; 2Pe 3:5-6).

A última parte de Gênesis 1:2 afirma: “[...] e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”. O termo em hebraico para “movia” é “*rāḥaph*”, que significa chocar, estar relaxado (BEPCHG, 2015, p. 1926, STRONG H7363). Ele aparece em Deuteronômio 32:11, se referindo ao povo de Israel: “Como a águia desperta o seu ninho, se move [*rāḥaph*] sobre os seus filhos, estende as suas asas, toma-os e os leva sobre as suas asas, assim, só o SENHOR o guiou; e não havia com ele deus estranho” (Dt 32:11-12, ARC, colchetes meus). O uso do termo neste versículo demonstra o cuidado do Deus de Israel pelo povo da aliança.

João Calvino discorre que há dois sentidos possíveis para o mesmo termo na sua utilização em Gênesis 1:2: “[...] o Espírito Se movia e Se agitava sobre as águas a fim de produzir robustez; ou o Espírito chocava tais águas a fim de acalentá-las” (CALVINO, 2015,

online). Com base no uso do termo em Deuteronômio 32:11, poder-se-ia inferir a segunda opção. Reforça-se esta ideia com as proposições de Meister, que afirma:

Os céus e terra criados por Deus no princípio, agora aguardam, na presença do Espírito, que o mesmo chame a vida à existência, trazendo luz, forma e organização. A presença do Espírito serve para alertar ao ouvinte que o agente do poder de Deus está pronto para executar a sua obra na organização da terra (MEISTER, 2000, p. 11).

O que se pode entender é que o relato estaria transmitindo a ideia de que o Espírito Santo estaria “guardando” a criação, para que logo a seguir, o Deus de Israel a “moldasse”.

## 5. Considerações finais

Mediante o exposto, averiguou-se que o texto bíblico de Gênesis 1:1 quer descrever o princípio absoluto do universo, enquanto que o verso 2 o estado primevo da matéria que fora anteriormente trazida à existência.

Ademais, viu-se que a expressão “sem forma e vazia” transmite a ideia de que a terra naquele momento estava inapropriada para receber a vida humana, e conseqüentemente sem esta. Tal cenário muda com as ações divinas que ocorrem a partir do versículo 3.

Conclui-se, por hora, que a teoria que mais coerentemente se porta com o texto bíblico é a do “caos inicial”, lembrando, porém, que a ideia de “caos” no versículo 2 não é tão familiar ao seu sentido original.

## Referências

BERMAN, Marshall. Introdução: Modernidade – Ontem, Hoje e Amanhã. *In: Tudo que é sólido se desmancha no ar*. A aventura da modernidade. Tradução: Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 15-36.

**BÍBLIA – TRADUÇÃO ECUMÊNICA**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

**BÍBLIA DE ESTUDO PALAVRAS-CHAVE HEBRAICO E GREGO**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. 1. ed. 13ª reimp. São Paulo: Paulus, 2019.

CALVINO, João. Comentário de Gênesis 1:1-2. Tradução: Fabrício Moraes. **Bereianos**, 2015. Disponível em: <<https://bereianos.blogspot.com/2015/06/comentario-de-genesis-11-2.html>>. Acesso em: 07 de set. de 2019.

CRISP, Ron. Estudo sobre Gênesis 1.1,2. **Palavra Prudente**, 2015. Disponível em: <<https://palavraprudente.com.br/biblia/guia-de-estudo-para-genesis/estudo-sobre-genesis-1-12/>>. Acesso em: 14 de set. de 2019.

DEFFINBAUGH, Bob. 2. A Criação dos Céus e da Terra (Gênesis 1:1 - 2:3). Tradução: Mariza Regina de Souza. **Bible**, 2006. Disponível em: <<https://bible.org/seriespage/cria%C3%A7%C3%A3o-dos-c%C3%A9us-e-da-terra-g%C3%A9nesis-11-23>>. Acesso em: 10 de jan. de 2020.

DEUS. *In*: DOUGLAS, J. D. (org.). **O Novo Dicionário da Bíblia**. Tradução: João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 332-335.

ENGELSMA, David. **Gênesis 1-11: História ou Mito?** Tradução: Fireland Missions. [s.l.]: Fireland Missions, 2013. Disponível em: <[https://1290bf67-7397-5989-a404-2263e7e54322.filesusr.com/ugd/62233d\\_444d1aaf4cc64c4f9c576f6f6791d3e7.pdf](https://1290bf67-7397-5989-a404-2263e7e54322.filesusr.com/ugd/62233d_444d1aaf4cc64c4f9c576f6f6791d3e7.pdf)>. Acesso em: 20 de jul. de 2021

ESTAR; TORNAR. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: O minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 293, 677.

LOURENÇO, Rosenery Loureiro. **Movimentos Religiosos Contemporâneos**. Curitiba (PR): SGEC - IEQ, 2012.

MEISTER, Mauro Fernando. A questão dos pressupostos na interpretação de Gênesis 1.1 e 2. **Revista Fides Reformata**, v. 5, n. 2, p. 143-158, 2000. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/criacao/pressupostos\\_mauro.pdf](http://www.monergismo.com/textos/criacao/pressupostos_mauro.pdf)>. Acesso em: 14 de set. de 2019.

MERRILL, Eugene H. A autobiografia de Deus. *In*: **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução: Helena Aranha; Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p. 51-85.

NASCIMENTO, Misael Batista do. Princípios de Interpretação Bíblica. **Monergismo**, 2004. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/hermeneuticas/hermeneutica\\_misael.htm](http://www.monergismo.com/textos/hermeneuticas/hermeneutica_misael.htm)>. Acesso em: 16 de set. de 2021.

NUNES JÚNIOR, Edson Magalhães. Tōhû e Bōhû. *In*: **A terra em Gênesis 1-9: uma leitura microscópica crítica da narrativa**. 2017. 140 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-17052018-134150/publico/2017\\_EdsonMagalhaesNunesJunior\\_VOrig.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-17052018-134150/publico/2017_EdsonMagalhaesNunesJunior_VOrig.pdf)>. Acesso em: 21 de mar. de 2021. p. 17-28.

SANTOS, Elias Antonio Batista. Na perspectiva da autoria mosaica: questões introdutórias sobre o livro de Gênesis. *In*: VII Seminário Científico do UNIFACIG: Sociedade, Ciência e Tecnologia e VI Jornada de Iniciação Científica, n. 7, 2021. **Anais...** Manhuaçu (MG), p. 1-5. Disponível em:

<<http://www.pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/download/2866/2518>>. Acesso em: 14 de jun. de 2022.

VANGEMEREN, Willem A. (org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese**. Tradução: Equipe de colaboradores da Editora Cultura Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 1